



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

ANDORA “VOA”: EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DA DANÇA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE

Antonio Carlos Moraes – Professor CEFD/UFES
Cecília Nunes da Silva – Mestranda em Educação Física/UFES
Érica Bolzan – Mestranda em Educação Física/UFES
Gabriel Abrahão Moraes – Graduando em Música/UFMG
Milainy Ludmila Santos – Mestranda em Educação Física/UFES

Resumo: O presente trabalho trata de uma análise acerca de uma a experiência pedagógica de professores em formação integrantes da Cia de dança Andora-UFES, no projeto “Circuito cultural europeu” realizado pelo grupo no ano de 2012. A Cia de dança Andora-UFES faz parte de um projeto de pesquisa e extensão que tem por objetivo a formação de professores para o ensino da dança na perspectiva da cultura popular. O trabalho relata concepções de formação e as impressões coletadas junto ao grupo. Encerra reconhecendo a importância dessas experiências para o crescimento profissional e pessoal dos professores em formação.

Palavras-chaves: Dança. Folclore. Experiência. Formação

“A noite é uma criança e o sereno é um brinquedo, não sou eu quem dorme tarde, é o sol que nasce cedo” (Samba de roda)

Introdução

O presente trabalho é um relato de experiências de professores e graduandos em Educação Física e Música no período de participação no circuito cultural europeu feito pelo grupo no ano de 2012. O grupo é constituído por estudantes do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e membros da comunidade externa à universidade como professores (da educação básica) e por estudantes de música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

A princípio é um grupo aberto à comunidade, mas seu objetivo principal é a formação e preparação de professores para constituírem grupos de danças em escolas e comunidades pertencentes ao movimento social e popular. O grupo é vinculado ao Projeto Goiamum/Práxis do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD/UFES) e ~~trata-se de um~~ projeto de Ensino, pesquisa e extensão. Dentre suas principais atividades, investiga e registra as manifestações da cultura popular do Espírito Santo, oferece atividades de repasse de informação coletada e sistematizada em eventos de extensão e prepara professores para o ensino da dança e do folclore.

Em sua caminhada desde a criação em 2008/2, o grupo trabalha com um método por meio do qual se pudesse dançar prontamente. Coreografias simples, planas, seguras e plásticas são estratégias adotadas para levar os integrantes a gostarem de dançar e



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

vivenciarem em curto prazo as habilidades contemplando elementos básicos da dança, para mais tarde buscarem o aprimoramento e a capacidade de compor, produzir e executar peças de danças.

O grupo tem como base a tendência contemporânea de dança com inspiração folclórica, sem deixar de considerar contribuições da corrente clássica. Entendemos que a licença poética da corrente contemporânea, a simplicidade e a estética do popular, revelados em suas fitas de cetim, em seus tambores e violas e em seus tecidos coloridos, na sua alegria rítmica permitem a qualquer interessado a possibilidade de dançar.

Nesse sentido, no atual estágio do grupo a opção metodológica é priorizar o ensino e aprendizagem de danças folclóricas e sua aproximação com a forma sistemática no campo da corrente contemporânea, assim, se insere no que é denominado movimento parafolclórico. Essa opção possibilita aos participantes um contato com a diversidade e riqueza cultural passando por participações em festivais folclóricos em lugares mais distantes e chegando a contato direto com imersões de vários dias vivenciados em ambiente rico em manifestações como foi o caso do Festival do Folclore de Olímpia-SP, no qual o grupo se apresentou por dois anos consecutivos (2010 e 2011), rompendo pré-conceitos oriundos da falta de conhecimento, mas principalmente da ausência de vivência com o saber, com as manifestações construídas pelo povo e estabeleceu contatos inimagináveis percebendo a importância da dança no processo educacional e de onde passou a ser construída uma caminhada mais longa e desafiadora para a aprendizagem e o ensino do folclore, entendo a importância das manifestações folclóricas na construção da identidade de um povo (BRANDÃO, 1984).

Por fim, a experiência a ser relatada não se reduz à participação como dançarinos. O processo de participação passa, sobretudo, e a *priori*, pela vontade de ser professor dentro ou fora da escola. Para isso, não basta aprender dançar, é preciso aprender os elementos fundamentais da dança e isso se inicia aprendendo a gostar da dança e vivenciando o mundo e o contexto da dança em sua totalidade. Nesse caso, a aquisição de uma cultura mais ampliada, abrangente e diversificada é uma necessidade primordial.

Rompendo os muros da Universidade: Ampliando possibilidades

A Cia de Dança Andora-UFES foi convidada em dezembro de 2011 a participar do Festival Internacional de Folclore de Almeirim, em Portugal, que foi realizado em abril de 2012, entre os dias 20 e 25. Após o convite o grupo iniciou seus preparativos e a busca das parcerias necessárias para realização da viagem. Em janeiro de 2012 recebeu do governo do Estado do Espírito Santo, por meio do Instituto Sincades, recursos para compra das passagens aéreas para os 30 integrantes do grupo, entre dançarinos, músicos e equipe técnica.

Com tal investimento, a coordenação do grupo confirmou sua participação no Festival e também aceitou o convite da Universidade de Estrasburgo na França, para uma participação em evento cultural junto ao Laboratório de Cultura e Sociedade na Europa. Além disso, diante da possibilidade de atravessarmos a Europa, de Lisboa a Strasbourg, o mais adequado seria aproveitar o trecho percorrido para uma inserção em



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

locais culturalmente importantes que contribuiriam de forma significativa na formação intelectual e cultural do grupo.

Faltavam então, recursos para hospedagem, transporte interno, mão de obra para confecção dos figurinos e aquisição do uniforme de apresentação e camisetas de promoção do grupo e seus parceiros. É nessa demanda que entrou o EDITAL N° 1/2012 do Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural do Ministério da Cultura que destinou R\$ 35.000,00 (Trinta e Cinco mil reais) ao nosso projeto.

No Festival Internacional de Folclore de Almeirim, destacamos para a escrita deste texto a vivência do primeiro contato, rico em diversidade cultural. Fizemos um desfile pela cidade junto com as outras sete delegações estrangeiras: Itália, Lituânia, Eslováquia, Sérvia, Egito, Colômbia e Paraguai, participamos efetivamente da cerimônia de hasteamento das bandeiras de cada país na praça principal da cidade. Houve um momento de conagração e intercâmbio entre as várias delegações e os grupos e a população de Portugal, com muita dança, música, poesia e folguedos.

Em Estrasburgo, na França, fomos recebidos pelos coordenadores do “Collège Doctoral Européen da Université de Strasbourg”. Nossa apresentação aconteceu para estudiosos da Cultura Popular em diversos países que possuem contato com o “Laboratoire de Cultures et Sociétés en Europe” da mesma universidade.

Partindo da lógica que ensinar exige pesquisa e que aprender exige prática, acreditamos que a viagem propiciou uma busca ao conhecimento de forma diferenciada. Através da pesquisa vivenciada, da “pura experiência”, educamos e fomos educados pelos locais pelos quais passamos e principalmente em nossos compromissos como grupo. Essa possibilidade nos fez pensar e possibilitou uma superação pessoal; pois o que eram meras curiosidades, transitou da ingenuidade para uma curiosidade crítica possibilitando um novo olhar de mundo. “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital” (FREIRE, 1992).

Destacamos também que ensinar exige curiosidade, como professores devemos saber que “sem a curiosidade que nos move, que nos inquieta, que me insere na busca, não aprendemos e nem ensinamos” (FREIRE, 1992). O exercício da curiosidade a faz criticamente mais curiosa. Estimular a pergunta, a visão, à resposta, a torna mais intensa e conseqüentemente mais estabelecida como forma de construção do conhecimento. Contudo, percebem-se a importâncias do ensino e experiências informais, as experiências nas ruas, nas praças, nas viagens e em outros tantos lugares vêm sempre cheios de significação acrescentando um saber que além de apreendido por nós é um saber vivido, que nos toca e nos transforma.

O contato com diversas culturas, diversos grupos folclóricos, nos faz lembrar que ensinar exige aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação. Aceitação no que tange às diferenças de usos e costumes relacionados às próprias danças e até mesmo ao modo de vida de cada um. Essa aceitação, contudo, não diz respeito à discriminação, à recusa do velho, “do que é nosso”, e sim o diálogo com novas formas de conhecimentos a fim de acrescentar algo novo e não propriamente abandonar o que encarna uma tradição. Neste sentido, uma das tarefas do ser professor é



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

levar o educando a uma experiência de assumir-se; assumir-se como ser histórico, social e cultural com características próprias que o identificam.

Pelo contato com o diferente, desde a culinária até a língua falada percebemos a diversidade de costumes e tradições. O sentimento diante do diferente, as pessoas, os cheiros, o clima, a língua, as imagens e os lugares é de querer conhecer melhor o que nos é diferente. Um primeiro momento de estranheza torna-se rapidamente possibilidade para ampliação de nossos conhecimentos sobre o mundo, afinal como dizia o tema do festival de Almeirim “O mundo aqui tão perto”, e reunido para divulgação da cultura das danças tradicionais de cada país.

Percebemos a importância da troca de experiência com os outros grupos, portanto, a comunicação ao contrário do que pensávamos, não foi um problema, mas uma oportunidade de aprendizado, visto que alguns dançarinos que possuíam contato com outras línguas e puderam fazer a mediação do grupo com outros grupos e também, pelos lugares em que passamos durante todo o circuito cultural.

Considerações finais

Nesse sentido, o grupo se prepara para ampliar sua presença em vários espaços onde a Dança e seus elementos culturais são divulgados. Enquanto aprendem a dançar, os estudantes manifestam suas aprendizagens em eventos públicos e trocam experiências e informações culturais importantes para suas formações. Tal ampliação passa pelo conhecimento da cultura local e regional rumo às grandes manifestações onde se pode fazer contato com elementos culturais inimagináveis e, ao mesmo tempo, reconhecer as práticas que estão ao nosso lado como práticas universais e valorizadas em outros cantos do mundo. Adotamos, portanto, a dança, em todos os seus estilos possíveis, como objeto que garanta uma formação para o magistério de qualidade. Acreditamos que mesmo se o estudante não vier a utilizar a dança como conteúdo de ensino em sua prática pedagógica, a sua vivência no grupo fará com que tenha uma bagagem cultural importante para sua carreira no magistério.

Enfim, entendemos a formação como um processo contínuo e em movimento que acontece por meio da acumulação de experiências. Como professores, valorizamos estas experiências relatadas como primordiais para o crescimento profissional e pessoal, no que se refere ao aprendizado das danças e de maneira geral à ampliação de nosso repertório cultural, aceitação do novo, do diferente, valorizando e dando espaço à infinidade de saberes e conhecimentos que podem contribuir com a formação de nossos alunos.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 25 ed. 1996.

BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 4 ed, 1984.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

ANEXO

A peça apresentada tem como título “O Povo Brasileiro em Festa”. O enredo desta peça destaca o fazer do povo trabalhador do Brasil, em seus momentos de não trabalho, seja da produção ou do ato religioso. A história passa pelas regiões geopolíticas brasileiras e resgata danças, música e brinquedos cantados/dançados que ainda fazem parte do cotidiano do brasileiro em situação de lazer, religiosidade e produção de renda de comunidades tradicionais.

A peça é dividida em 5 regiões geográficas em forma de suítes: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. As músicas e danças foram escolhidas e sistematizadas para as diferentes situações de apresentação. Palco fechado (Teatro), palco aberto (praça) e cortejo (Rua). Foram apresentadas 3 suítes: Norte, Nordeste e Sudeste.

Roteiro resumido da peça

Abertura: Apresentação do elenco com o número da Festa do Congo e Máscaras de Roda D'Água de Cariacica.

1ª Suíte: O tributo ao Boto e as lendas das águas do norte: o povo da floresta em festa

A dança do Boto Cor de Rosa e seus encantos: destaca a lenda do Peixe que vira homem para encantar as mulheres na beira do rio. Diz a lenda que filho de mulher solteira é filho do Boto

O LUNDÚ. Uma dança delicada e sensual retrata um envolvimento corporal entre casais como nas festas noturnas do norte. Tem influência portuguesa na música e africana na sensualidade e requebros.

O SIRIÁ. Dança que retrata o trabalho de mulheres que catam siris nos manguezais dos rios da região. É a transição do trabalho para o lazer vespertino quando se dança o Carimbó.

CARIMBÓ. Dança festiva, de forte influência indígena no batuque de tambores rudimentares. Retrata a produção ao mesmo tempo em que enfatiza o lazer da festa.

2ª Suíte: Barracões e terreiro do nordeste: o sagrado, o profano e o trabalho.

O BAIÃO. Uma das manifestações mais populares do Brasil. Sem dúvida é a mais popular no nordeste. Trata-se de um ritmo presente em todas as festas de Santos da região, com destaque para as festas em louvor a São João. Uma mistura de dança em casal dos barracões com desenhos espaciais das quadrilhas juninas.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

O COCO. É uma dança que retrata tanto o trabalho, marcado pelo ritmo forte e marcado, quanto o lazer destacado pelo movimento em rodas e abordagens entre homens e mulheres.

O SAMBA DE RODA. É uma dança em roda, predominante no Recôncavo Baiano e reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade. É uma prática comum nos finais de ritos religiosos católicos em comunidades em que predomina grupos afro-brasileiros.

3ª suíte: A festa caipira do sudeste

O PASTORIL DO BARREIRO. Dança de folguedo natalino de influência portuguesa praticada nas regiões montanhosas do Espírito Santo. Dançada em pares, os praticantes executam movimentos espaciais geométricos com batida de pés e palmeados que caracterizam a chegada dos grupos de pastorinhas que anunciam o nascimento de Jesus.

A CATIRA. Dança comum nos festejos rurais de Minas Gerais e São Paulo. Segundo história é uma Dança que retrata o lazer dos Tropeiros que, em paradas para descanso, praticavam a catira que significa troca, escambo.

CHIBA CATERETÊ. Dança dos Caiçaras fluminenses na comunidade de Tarituba, Parati, ao sul do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma manifestação de lazer com abordagem cavalheiresca, batidas de pés e palmeados.

Endereço para correspondência

Miliany Ludmila Santos

R. Beira Mar, n° 645, Porto Santana. Cariacica. ES. CEP:29153-140

milainy_ludmila@hotmail.com

ceciliaef@hotmail.com

moraes_2002@yahoo.com.br

erica_bolzan17@hotmail.com